

Professor Galopim de Carvalho cita teoria de ingleses, franceses e italianos

“Daqui a uns 35 milhões de anos o Continente estará mais próximo dos Açores”

Primeiro foi “pai” dos dinossauros, depois passaram a chamar-lhe avô. Galopim de Carvalho sorri à alcunha e à passagem do tempo, que não o atormenta. (...) Hoje deita-se cedo e acorda pelas quatro da manhã. Dedicar-se à escrita, livros, blogues, aos seus seguidores no Facebook. É de contar histórias que gosta - são a melhor forma de aprender. Nesta entrevista ao jornal ‘O Sol’, de que publicamos excertos, fala do aluno dos Açores, Victor Hugo Forjaz de 78 anos. O geólogo catedrático jubilado Victor Hugo Forjaz foi seu assistente e considera-se seu amigo. “Correspondemo-nos praticamente todas as semanas”, afirma Victor Hugo Forjaz. Galopim de Carvalho esteve várias vezes na vida nos Açores. Mostra-se muito interessado nas argilas dos Açores. Estudou-as em termos científicos e aplicabilidade. “O professor Galopim é um professor de problemas modernos, é um jovem de espírito”, diz Victor Hugo Forjaz. “Para mim é uma grande honra ele referir-me na sua entrevista”. Nesta entrevista, Galopim de Carvalho cita cientistas ingleses, franceses, espanhóis e italianos que afirmam que daqui a uns 35 milhões de anos, aproximadamente, o Continente estará já muito próximo dos Açores. “A ilha das Flores estará mais próxima de São Miguel”. É mais certo dizer isso, afirma Victor Hugo para logo concluir: “Isto são apenas teorias com base científica”.

A história de Galopim de Carvalho começa em Évora. Nasce em 1931. Era um país muito diferente?

Muito. Vou publicar um livro que se chama Évora, Anos 30 e 40, deve sair no próximo ano. Mostra bem o que era a vida. Lembro-me perfeitamente da Guerra Civil de Espanha. Havia uma estrutura no tempo do Estado Novo que era a Legião Portuguesa. Combatemos em Espanha ao lado do Franco. Fomos vê-los chegar, vieram a pé de Badajoz. Tinha oito anos quando a guerra acabou. (...)

Não foi para a guerra?

Felizmente, não fui. No meu ano houve incorporações para a Índia, eu era aspirante e só podiam ir alferes. Quando acabei a tropa, volto para Lisboa. Com o meu dinheiro matriculei-me então na licenciatura que eu queria, Geologia, e aí foi um sucesso.

Porque gostava mais de natureza morta?

Nunca simpatizei com a biologia. Tinha vocação para as pedras, para os minerais, para os fósseis, para as rochas. A biologia, aqueles bichos, insetos, lagartixas... Naquela altura, a biologia era muito naturalista; hoje mete bioquímica, muito prótão, eletrão, proteína. Naquele tempo eram os lagartos.

Não se via tão bem como funcionava.

Sim, eram os zoólogos e os botânicos. Mas foi assim que me lancei na geologia, com empenho. E entretanto casei.

Conheceu onde a esposa Isabel?

Éramos colegas de liceu. Fiz o curso com tão boas classificações que, quando terminei, convidaram-me a ficar como assistente. Acabei em Ju-

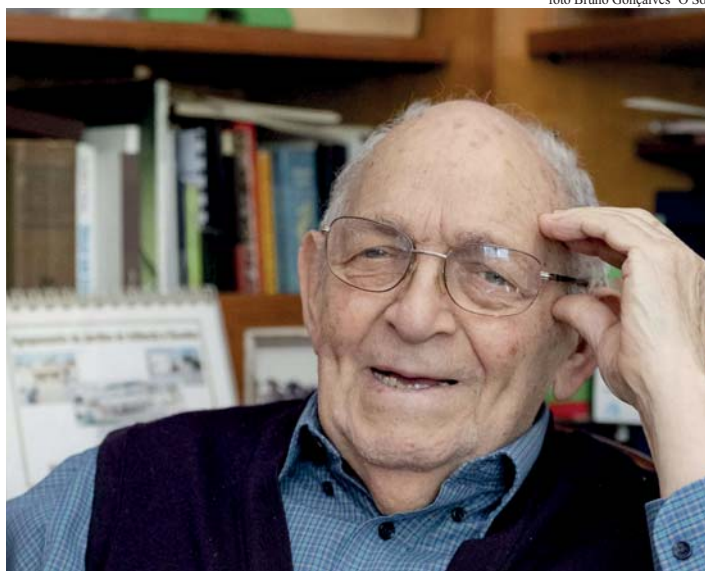


foto Bruno Gonçalves 'O Sol'

Galopim de Carvalho fala na entrevista ao jornal ‘O Sol’ do seu aluno dos Açores Victor Hugo Forjaz

lho e em Outubro comecei a trabalhar.

E os pais babados...

Com certeza. Ser professor era uma coisa importante. Naquela altura, mesmo o professor de liceu ou o professor primário eram uma entidade de grande prestígio na cidade.

O que se revelou mais importante?

O afecto, dar auto-estima ao aluno, mesmo aos alunos mais desinteressados. Há sempre um aluno mais desinteressado. Temos de criar situações que os levem a tirar uma conclusão inteligente para que os possamos elogiar em frente aos colegas. Ainda hoje tenho rapazes de 70 anos que me beijam. O afecto na relação professor-aluno é fundamental. Se houver uma relação de afecto, o aluno vai para a escola com prazer. Aquele professor distante, austero... Tive um professor de Francês que abria a caderneta dos alunos. Nós éramos numerosos e iam contando à medida que ele ia virando as páginas. Eu era o nove. Quando via “sete, oito”, começava a engolir em seco; quando passava, suspirava. Mas ele chegava ao fim e voltava ao princípio. Era sádico. Um professor assim não conquista um aluno. No liceu não sofri tanto, mas na escola primária ia muitas vezes no caminho com dores de barriga, com medo.

Sente que a escola melhorou?

Melhorou em muitos aspectos. Tenho ido a muitas escolas, todas as semanas vou, do Minho ao Algarve. Hoje, o único problema é que têm de me vir buscar, já não me meto em comboios e táxis. Hoje, nas escolas, domina a professora: 80% são mulheres. E os homens estão imbuídos naquele espírito. Há afecto, há família. Mas os professores, hoje, estão muito maltratados. Tiraram-lhes o prestígio, a dignidade, atentou-se contra a disciplina com uma liberdade excessiva nas escolas. Confundiu-se liberdade com um liberalismo (...) Melhorámos muito nas estatísticas do ensino. Democratizámos o ensino, todas as crianças vão à escola, tiram o 12.º ano. Mas, no meio disto tudo,

os programas são maus e os livros também.

Porquê?

Trabalham para as estatísticas, não trabalham para a formação de cidadãos. Os manuais do ensino, estereotipados, copiam-se de uns anos para os outros, são um negócio das editoras. O professor não tem tempo para divagar, tem de cumprir e pronto. Não está a ensinar, está a amestrar as crianças para responderem bem num exame e poderem passar.

Apaixonou-se pelo ensino da geologia muito anos antes de lhe aparecerem pela frente os dinossauros.

Hoje, a geração de professores foram todos meus alunos. E já são rapazes e raparigas nos 60, 70 anos. Alguns já se jubilaram. Na Universidade dos Açores tenho um que já se jubilou.

Sente-se velho quando lhe chegam essas notícias?

Um bocadinho, termos um aluno com 78 anos...

Das histórias todas que as rochas contam, qual a fascina mais?

São tantas. A serra de Sintra é muito interessante. É uma espécie de um furúnculo. (...)

Nunca lhe disseram: “Está a simplificar”. Aquela ideia de que a ciência é para entendidos?

Os mediocres é que fazem da ciência um bicho-de-sete-cabeças. É simples, desde que seja bem explicada. Consigo ser rigoroso sem fugir aos conceitos. Claro que chegamos aqui a uma altura em que já não sei dizer muito sobre o que é um electrão e por aí fora.

Tem-se dado o valor suficiente a isso?

Não. Os políticos estão sempre mais interessados nas eleições, no que dá votos. A geologia não dá votos, tem sido um bocadinho um parente pobre. E se hoje os dinossauros não morrem é porque há um conjunto de jovens que não os deixa morrer.

Muitas das investigações são feitas à custa deles ou de diligências feitas junto das autarquias. Nesse momento não há projetos de investigação sobre dinossauros pagos pelo Ministério da Ciência.

Petróleo, há ou não em Portugal?

Petróleo, há; se há petróleo em quantidade comercializável, não sabemos. Já no século passado traziam petróleo cá para cima, em 1940, frascos de petróleo tirados ali na zona de Torres Vedras. Mas foram sempre quantidades que não dava para explorar. Mas ainda bem que não: um país com petróleo é um país com fome.

Como vê o interesse crescente no lítio?

Parece-me importante. Há uns fundamentalismos contra o lítio, quanto a mim, inexplicáveis. Que eu saiba, o lítio não provoca problemas de poluição para a saúde. Explorar lítio, granito ou calcário é a mesma coisa. Explorar petróleo já é diferente. (...)

Como vamos ser no futuro?

Há indícios de que vai fechar o Atlântico. Abriu, estávamos colados ao Canadá. No centro há uma racha de onde sai o magma, o magma que fez alargar o fundo do oceano. Daqui a uns 35 milhões de anos, aproximadamente, estaremos já muito próximos dos Açores. E daqui a uns 180 milhões de anos temos o Marquês de Pombal a abraçar a Estátua da Liberdade. [risos]

Um geólogo aprende a relativizar o tempo?

Tratamos o tempo com uma displicência muito grande, falamos de milhões de anos com uma falta de respeito enorme. Tem ideia do que é um milhão de anos? Um milhão? Eu digo-lhe: se for bater um sino de uma igreja uma badalada por segundo, tem de estar 11 dias e 14 horas a dar badaladas, sempre a bater, sempre a bater. Ou se quiser meter um milhão de bagos de arroz em sacos, enche 16 sacos de quilo. Um milhão é isto.

O que o preocupa mais no país de hoje?

Não termos aproveitado 45 anos para cultivar este povo, para lhe dar cultura cívica. Não precisava de ser cultura científica, é cultura cívica. Só lhe damos futebol, só lhe damos porcaria.

Se pudesse recuar no tempo, onde ia?

Talvez aos meus 30 anos, a Paris. Quem sai da província e entra numa cidade como Paris, com oferta cultural por todo o lado, uma maneira de ser diferente...

Qual foi o melhor conselho que lhe deram?

Há uma frase que já não sei se é minha ou de um professor que tive em Matemática - às vezes pergunto-me se não é algo que nasceu na minha cabeça. Reprovei em Matemática no sétimo ano do liceu, repeti o ano só para fazer Matemática e tive este professor. A frase é esta: a matemática é como uma escada, sobes um degrau e só depois de teres o pé bem assente é que sobes para o outro. E fazes assim do segundo para o terceiro, do terceiro para o quarto. Se fizeres assim, sobes onde tu quiseres. Passos firmes. E isto é válido para todas as ciências, para todas as disciplinas.

Excertos de entrevista ao jornal ‘O Sol’